Na velocidade do vento

ILHA DE MARÉ

ANA PAULA SENNA ♦ REPÓRTER

O povo de Ilha de Maré não vem a Salvador só "pra fazer samba na Lavagem do Bonfim". Vem trabalhar, estudar, vender o peixe e o aipim fartos por lá. De livro embaixo do braço, meninos e meninas enfiam as pernas n'água e molham as calças, atrás da instrução que na Ilha só vai até a quarta série. Homens e mulheres também encharcam a roupa e vêm buscar deste lado o que o mar não dá. As lanchas que fazem a travessia entre a Ilha e São Tomé de Paripe chegam e saem sem parar, lotadas de gente que precisa vencer a distância pelas águas para sobreviver.

O vaivém incessante entre a Maré e o litoral é um dos aspectos mais característicos da vida na Ilha. O contato com o mar e o verde exuberante da Baía de Todos os Santos transforma o sacrifício da travessia diária num raro momento de lazer. É como se os nativos recebessem duas *injeções de ânimo*, uma na ida, outra na volta. O que mais incomoda é ter de *mergulhar* na praia sempre que se faz a travessia. O maior sonho dos *mareenses*, além da água encanada, é um cais onde possam descer com tranqüilidade e segurança.

O fluxo de gente não fica por conta apenas dos nativos da ilha, um dos pontos de lazer preferidos pelos jovens do subúrbio. Afinal, em menos de meia hora se chega de São Tomé de Paripe a Ilha de Maré. A travessia, por si só já um grande passeio, custa apenas CR$ 500,00. Alberico Soares, dono de seis das lanchas que fazem o transporte, garante que carrega pelo menos 3.000 pessoas nos finais de semana.

O ritmo da vida em Ilha de Maré segue a velocidade do vento que balança as canoas e catraias dos pescadores. Navegar é preciso, mas não tão rápido. Desfrutar as delícias proporcionadas pelo mar gasta tempo, que deve passar sem pressa. Por coincidência ou não, os botecos lideram a lista dos raros *estabelecimentos comerciais* existentes na Ilha, com nomes sugestivos como *Não Passe Sem Chegar*.

Ilha de Maré tem nove povoados. Santana, o maior deles, é considerado a capital do lugar. É lá que fica a Colônia de Pescadores Z-4, onde funciona também o único posto de saúde da ilha. O presidente da Colônia, Fernando Soares, lidera o grupo há 21 anos, sem perspectiva de ser substituído. "Ninguém quer assumir", diz. Nesse meio tempo, ele já foi auxiliar de enfermagem do posto e delegado de 75 a 80, único período em que a Ilha teve uma autoridade policial. "Delegados, somos nós mesmos. Até hoje ninguém *me reclamou* os documentos daquela época", conta Soares, que acumula uma série de serviços prestados à comunidade de Ilha de Maré e desempenha o papel de seu anfitrião. Foi ele quem levou o primeiro motor à ilha, carregado debaixo de chuva desde Inhambupe até lá. Dizem até que, diante da promessa de um prefeito de Salvador, ele perguntou: "isso é palavra de político ou palavra de macho?"

O que Ilha de Maré não tem, só tem um de cada. Uma padaria, um armazém, uma escola, um cemitério. Menos Igrejas, que são uma para cada povoado. Padroeiro não falta: Nossa Sra. de Santana, das Neves, das Candeias, Bom Jesus dos Navegantes. E como na Bahia dia de santo é dia de festa, Ilha de Maré também tem as suas. A maior delas é a de Santana, em 26 de julho. A de Bom Jesus dos Navegantes, no segundo domingo de janeiro, e a de Nossa Senhora das Neves, no dia 5 de agosto, são também bastante concorridas.

VALTER PINTO

Meninas do local já nascem predestinadas a serem rendeiras, profissão que passa de geração em geração

Rendas e pescarias atravessam gerações

Todo mundo em Ilha de Maré nasce predestinado a ter duas profissões: se for menino, pescador; se for menina, rendeira. Desde cedo as meninas vêem suas mães e avós manejarem os bilros de madeira enrolados de linha, transformada depois em encantadoras peças de renda. Já a pesca é a fonte principal de alimento na ilha.

Cláudia tem 23 anos. Aos oito já era rendeira *de mão cheia*. Aprendeu a costurar com a mãe, que foi ensinada pela avó. O trabalho costuma consumir o dia inteiro: "a gente pega de manhã e só *arreia de tardinha*". Às vezes, é preciso coser também à noite. Neste ritmo, ela consegue aprontar uma colcha em dois meses. A costura serve ainda como *distração*: "Aqui não tem cinema, essas coisas de cidade", lamenta Cláudia, que ensina os primeiros pontos de sua arte à sobrinha de 10 anos.

Enquanto as mulheres rendam, os homens pescam. À 1h da madrugada os barcos já estão saindo, pois cedo tem que ter peixe na beira da praia.